

**Os sistemas de ensino e as apostilas descartáveis, leves e “novas” no ensino de História**

JOÃO CARLOS AMILIBIA GOMES\*

ROSA MARIA HESSEL SILVEIRA\*\*

**Introdução**

O presente trabalho se desenvolve a partir de recortes da tese<sup>1</sup> de doutorado intitulada *As apostilas<sup>2</sup> dos sistemas de ensino<sup>3</sup> sob uma lógica empresarial*, realizada no campo dos Estudos Culturais, na qual foram analisados os suportes, as capas e as narrativas de apostilas da disciplina de História/Ensino Médio dos sistemas Positivo e SER<sup>4</sup>, compreendendo-as como artefatos pedagógicos que podem ser pensados na “esteira” da história do livro. No corrente texto, problematizamos especialmente os suportes das apostilas de História/Ensino Médio dos sistemas Positivo – utilizadas em escolas de redes privadas brasileiras de 2008 a 2011 – e SER – com uso entre 2007 e 2009. Entendemos que tais sistemas se encontram implicados em processos de “fabricação” de sujeitos, à medida que abrangem apostilas que produzem significados em meio a redes de poder e saber, discursivamente<sup>5</sup> tecidas.

Utilizamos variadas teorizações e metodologias, no sentido de ampliar e aprofundar as análises relativas aos suportes, o que é possível nos Estudos Culturais à medida que este campo de estudo não adota uma posição teórica e metodologia específicas. O campo de tais estudos se caracterizaria por uma antidisciplinaridade, sendo possível dizer-se que “os EC [Estudos Culturais] não se constituiriam como mais uma ‘-logia’, mas, justamente, como

---

\*Licenciado em História, Doutor em Educação e professor/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil-RS.

\*\* Licenciada e Mestre em Letras, Doutora em Educação e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq.

<sup>1</sup> A tese foi desenvolvida, pelo primeiro autor do trabalho, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Rosa Maria Hessel Silveira.

<sup>2</sup> Utilizamos a denominação *apostila* para nomear os artefatos impressos analisados do Positivo e do SER, considerando a materialidade de tais materiais e os possíveis usos que deles se fariam no âmbito dos processos de escolarização de Ensino Básico. Todavia, no sistema Positivo os referidos artefatos são tratados como *Livros integrados Positivo*.

<sup>3</sup> Neste trabalho a expressão *sistemas de ensino* será utilizada para nomear um conjunto de produtos e serviços produzidos e comercializados por empresas de grupos privados, como o Grupo Positivo e o Grupo Abril – o primeiro é proprietário do sistema de ensino Positivo e o segundo do sistema de ensino SER – com vistas à sua utilização maciça por professores e alunos, em escolas e redes. LELLIS (2009:s/p) usa a expressão sistemas de ensino para designar “instituições privadas que produzem e vendem seu material didático a escolas conveniadas, em um esquema de franquias”.

<sup>4</sup> Há significativas semelhanças entre as apostilas e kits de produtos e serviços de vários sistemas de ensino. Deste modo, é possível que muitas das análises concernentes às apostilas do Positivo e do SER, desenvolvidas na tese de doutorado e no corrente trabalho, sirvam para reflexões sobre as apostilas de outros sistemas de ensino.

<sup>5</sup> As práticas discursivas envolvem enunciados que constituem um substrato para as ações. Tais práticas moldam as formas pelas quais constituímos e compreendemos o mundo.

2

‘estudos’, no plural, apontando, de certa forma, o seu caráter processual e não-definitivo” (SILVEIRA, 2008:8). Wortmann (2005:165) salienta que “a opção de articular Educação e Estudos Culturais tem permitido que os praticantes de estudos empreendidos nessa direção valham-se tanto de teorizações quanto de metodologias consideradas próprias a uma gama de diferentes disciplinas acadêmicas”. Aliás, baseando-nos em Slack (1996) e Hall (1996), poderíamos pensar que a noção de *articulação* funcionaria como um método/teoria, favorecendo pensar o tecido e a produção sociocultural como oriundos de relações estabelecidas sob determinadas condições históricas, e, portanto, constituídos de forma contingente. As *articulações* que permitem que se compreenda um determinado objeto de estudo oferecem condições para que se reflita sobre o próprio contexto em que se encontra o referido objeto, pois, conforme Restrepo (2011:7) “el contexto no es el telón de fondo, el escenario donde algo sucede, sino sus condiciones de existencia y de transformación”.

Deste modo valemo-nos principalmente de estudos desenvolvidos no âmbito da história do livro – em especial aqueles que atentam aos suportes, à escrita e à leitura – e de reflexões sobre a sociedade de consumidores, sobre a governamentalidade neoliberal, bem como de estudos que propiciam refletir sobre apostilas e livros didáticos de História.

### **Breve apresentação das apostilas e dos sistemas de ensino Positivo e SER**

Entre as apostilas aqui analisadas, as que pertencem ao sistema de ensino Positivo são produzidas em Curitiba, enquanto as do sistema de ensino SER são produzidas em São Paulo. Elas integram kits de produtos e serviços de sistemas de ensino que são comercializados no mercado nacional por casas editoras de enorme vigor no segmento de artefatos didáticos. Vale lembrar que o Grupo Abril, em 2004, passou a ter o controle acionário das editoras Ática e Scipione, e em julho de 2010 adquiriu o Anglo Sistema de Ensino, o Anglo Vestibulares e a SIGA (empresa que, conforme o *site* do Grupo Abril, teria seu foco na preparação para concursos públicos), tendo dentre suas empresas o sistema SER, que estabelece convênios com escolas no âmbito do território nacional. Já o Grupo Positivo é proprietário da editora Positivo, que produz apostilas do sistema de ensino endereçadas a escolas de redes privadas – este sistema atenderia escolas não apenas no Brasil, mas também nos Estados Unidos.

A emergência do sistema Positivo se localiza na década de 1970 – embasado nas experiências das escolas Positivo – e a do sistema SER se localiza em 2007. Um conjunto

3  
significativo de sistemas de ensino tem origem nos cursos pré-vestibulares. Assim, Lellis (2009:s/p) salienta que “por volta de 1980, os cursinhos [cursos pré-vestibulares] começaram a se transformar em sistemas, difundindo suas apostilas por meio de escolas conveniadas”. Seu sucesso na preparação de estudantes para o vestibular, com base num modo de organizar as aulas e nos materiais didáticos impressos, teria favorecido a criação dos sistemas de ensino.

Num primeiro momento, o avanço dos sistemas ocorreu no âmbito das redes de ensino privadas, mas já na década de 1990 chegaram às redes de ensino públicas. Efeitos de reformas realizadas no âmbito da administração pública da União se fizeram sentir nas esferas da educação pública municipal e estadual. Em dadas situações, os municípios, fragilizados nos seus aparatos técnicos, sem condições de atender as novas demandas na área da Educação, optariam pela utilização dos sistemas de ensino. A partir de análises desenvolvidas com dados obtidos junto a um número expressivo de municípios paulistas, de 1997 a 2006, Adrião et al. (2009:802) explicitam que as empresas que produzem os sistemas de ensino seriam mais do que fornecedoras de materiais e equipamentos, pois “passam a incidir sobre o desenho da política educacional local e sobre a organização do trabalho docente e administrativo em cada uma das unidades de ensino da rede pública, razão pela qual se tornam *parceiras* dos governos municipais”. De acordo com a referida pesquisa, a empresa COC seria “responsável pelo maior número de contratos com municípios paulistas” (ADRIÃO et al., 2009:806), seguida pela empresa Positivo do Paraná, Objetivo de São Paulo e pela paranaense OPET.

Parece-nos significativo que o Grupo Positivo e o Grupo Abril, como outros grupos que investem em empresas que produzem sistemas de ensino, também têm, dentre seus negócios, empreendimentos na área da comunicação. Assim, enquanto o primeiro investe na produção de computadores, o segundo tem investimentos no âmbito da televisão e da internet, abarcando TV por assinatura e provedor de internet em banda larga. Neste sentido, também se verifica uma utilização significativa de “novas tecnologias” nos empreendimentos dos Grupos Positivo e Abril, bastante perceptível nos produtos e serviços dos sistemas Positivo e SER.

As apostilas destes dois sistemas têm a forma de *códice*<sup>6</sup>. A autoria de tais artefatos, no que diz respeito à disciplina de História/Ensino Médio, no SER, é atribuída a Gislane

---

<sup>6</sup> Livro, cujas páginas se encontram aglutinadas de modo que podem ser viradas, e que veio a substituir os antigos pergaminhos para leitura.

4

Campos Azevedo e a Reinaldo Seriacopi; já no caso das apostilas de História/Ensino Médio do Positivo, algumas são de autoria de Rogério Bastos Vieira e outras de Renato Mocellin. Saliento que, com exceção de uma apostila de História do Positivo, ano de impressão<sup>7</sup> 2011, endereçada aos/as professores/as, as demais – do Positivo e do SER – quando endereçadas aos/as professores/as, estão divididas em três cadernos, cada qual com todas as apostilas de disciplinas de uma das séries do Ensino Médio. Assim, as apostilas do Positivo de História para os alunos integram vários cadernos apostilados, constituídos por apostilas de diferentes disciplinas. Nos referidos cadernos as folhas se encontram aglutinadas através de espirais.

A textualidade destas apostilas é construída de forma multissemiótica – nelas há mapas, textos verbais, esquematizações, hipertextos, gráficos e farto material iconográfico – nas capas e na narrativa histórica que se encontra fragmentada nos diversos volumes. Em várias das apostilas referidas do Positivo há um quadro em que se apresentam ferramentas e conteúdos – tais como: Linha do Tempo e Conteúdo Multimídia – que seriam oferecidos pelo Portal Positivo. Nas apostilas deste sistema, também podemos identificar ícones – monitores de computador com asas – articulados a códigos eletrônicos que apontam para a existência de textos e/ou de atividades no Portal Educacional, pertencente ao próprio sistema de ensino, relacionados aos conteúdos em estudo nas apostilas. Enfatizamos a existência de tais ícones, na medida em que representariam uma “ponte” entre os textos impressos das apostilas de História e os textos da disciplina localizados no suporte eletrônico do Portal do sistema, pois têm importância na análise que desenvolvemos no corrente trabalho.

A organização dos conteúdos nas apostilas analisadas se embasa em critérios de temporalidade e de espacialidade comuns na organização de construções históricas de livros didáticos. Assim, nas apostilas do SER, a narrativa histórica, bem como as atividades propiciadas são basicamente as mesmas (ou muito similares) do livro didático intitulado *História*, publicado pela editora Ática em 2007, cujo autor e autora são os mesmos das citadas apostilas. Já nas apostilas do Positivo, de autoria de Renato Mocellin, se encontram trechos de construção histórico-narrativa “parecidos” e/ou idênticos a trechos que constituem a narrativa

---

<sup>7</sup> Referimos, no caso dos exemplares do Positivo, o ano para o qual teriam sido feitas as impressões, pois este dado facilita a demarcação de mudanças que ocorrem de ano para ano na constituição dos cadernos apostilados do sistema, as quais não implicariam nem adviriam de mudanças no registro de edição dos artefatos. Entretanto salientamos que, dentre as apostilas analisadas do Positivo, as edições encontradas são de 2004, 2005 e de 2007. No caso dos cadernos apostilados do SER, a edição e a impressão de certo modo apontam uma mesma constituição do material.

5

histórica do livro didático *História para o Ensino Médio: curso completo*, do mesmo autor, publicado pelo Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) no ano de 2006. Conforme Lellis (2009:s/p), “parte dos autores de livros didáticos sempre se preocupou com a progressão dos sistemas, que reduzia o mercado de suas obras. Por outro lado, há autores que, além de produzirem textos para editoras tradicionais, também elaboram materiais para os sistemas”.

Em relação às atividades oferecidas pelas apostilas, que abarcam questões de vestibular e/ou do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), assim como atividades que demandam desenvolvimento de respostas discursivas, na maioria dos artefatos do Positivo não há espaço significativo, nem linhas, para a articulação de respostas escritas; já nos artefatos do SER encontram-se atividades com espaços pautados, bem como uma pequena quantidade de boxes pautados localizados em meio aos textos das apostilas. A maneira de organizar as atividades oferecidas nas apostilas dos dois sistemas como que evidencia até certo ponto o que observa Lellis (2009:s/p): “a ‘admirável organização’ do material didático dos cursinhos, [...] persiste ainda hoje nos sistemas, havendo alguns que determinam aula por aula a atuação dos professores, alijando-os da condução do próprio trabalho”.

Além das apostilas de diferentes disciplinas e séries, os sistemas de ensino Positivo e SER oferecem serviços de assessoria voltados a facilitar o uso dos artefatos pedagógicos impressos – as apostilas – procurando articular a utilização de tais materiais aos projetos pedagógicos das escolas, bem como propiciam serviços e recursos através de seus portais na internet, que devem auxiliar o trabalho dos/as docentes e os estudos dos/das educandos/as.

Assim, os sistemas de ensino parecem expressar uma tendência de mercado na sociedade de consumidores<sup>8</sup>, ao oferecerem a seus clientes e potenciais clientes, no setor educacional privado e no universo da educação básica pública, kits de produtos e serviços, num contexto sociocultural atravessado pela governamentalidade<sup>9</sup> neoliberal, em que as parcerias entre administrações municipais e empresas privadas avançam.

---

<sup>8</sup> Em tal sociedade poderíamos dizer “que o ‘consumismo’ é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos [...], transformando-os na *principal força propulsora* e operativa da sociedade” (BAUMAN, 2008:41).

<sup>9</sup> A palavra governamentalidade, na expressão governamentalidade neoliberal, denomina “a maneira como se conduz a conduta dos homens” (FOUCAULT, 2008:258). Nos tecidos socioculturais ocidentais, atravessados pela governamentalidade neoliberal, “as pessoas não são (mais) tomadas como cidadãs sociais (cuja liberdade ou autonomia seria garantida pela normalidade social ou por aqueles que teriam uma relação normalizada para consigo) mas entendidas como eus empresariais e empresários de si” (SIMONS e MASSCHELEIN, 2006:419), como *Homines oeconomici*.

**Apostilas na condição de *códices*: num momento de “vida ou morte” ou de perda de hegemonia?**

Fixadas por um espiral, as páginas das apostilas, como as dos tradicionais livros didáticos, constituem *códices* que propiciam o manuseio dos textos, a leitura e a concomitante escrita com pouca mobilização física do corpo. Em tais *códices* as páginas são dispostas em sequência, cada qual podendo ser imaginada como uma unidade de percepção para o /a leitor/a. Enfatizamos o plural do termo *códices*, que denomina os suportes das apostilas, pois os conteúdos históricos não se localizam concentrados num volume único, mas em vários.

Por outro lado, há volumes de apostilas de sistemas de ensino que propiciam espaços para a escrita, mas eles são limitados para anotações que se façam necessárias no decorrer das leituras e para a realização de atividades. Eles não seriam suficientes para resolver determinadas limitações comuns nos artefatos em forma de *códice* – livros em geral. Assim, persistiria a impossibilidade de o/a leitor/a escrever junto de quaisquer trechos dos textos lidos, conforme suas necessidades, dependendo do uso de lugares periféricos – como as margens das páginas – aos textos para a realização de anotações. Os limites às práticas de escrita, consideradas como marcas de uma leitura interativa e de estudo, decorreriam, em alguma medida, das condições do suporte, mas também poderiam advir do tipo de estudo, de leitura e de aprendizagem que seriam esperados dos/as estudantes, a partir das práticas pedagógicas propiciadas em tais artefatos. Aliás, parece imaginável que tais apostilas, com espaços para breves anotações ou para respostas de atividades, sejam tratadas pelos/as alunos/as como artefatos de certo modo descartáveis.

Embora as apostilas e os livros didáticos estejam ambos em *códice*, os cadernos apostilados constituídos por volumes de diferentes disciplinas de uma mesma série, nos casos analisados, favorecem a impressão de material mais leve – em volumes - do que os pesados livros didáticos, frequentemente organizados como volumes únicos com conteúdos de uma única disciplina para utilização nas três séries do Ensino Médio, em alguns casos com mais de 500 páginas. Exemplifico: o 3º volume da 2ª série do Ensino Médio do sistema Positivo tem apostilas de doze disciplinas, somando 390 páginas – a apostila de História, especificamente, tem 42 páginas. Ou seja: o conjunto de apostilas de diferentes disciplinas do referido 3º volume somam, em conjunto, menos páginas do que o livro didático *História – volume único* escrito por Azevedo e Seriacopi, apenas da disciplina de História, que tem 592 páginas.

7

As dimensões e o peso dos suportes dos volumes provavelmente afetam as maneiras como os/as estudantes e professores os/as pensam e os/as usam, bem como as maneiras como se imaginam ao utilizá-los. Isto é especialmente significativo num contexto sociocultural no qual as pessoas se valem muito do consumo de bens e serviços nos seus processos de enquadramento social. O *códice* de aparência leve estaria mais adequado (do que o livro didático/volume único) às práticas pedagógicas que colaboram nos processos de formação de sujeitos adaptados, em uma sociedade de consumidores caracterizada pela obsolescência rápida dos bens, em tempo de capitalismo leve. Um volume mais leve, em dada medida por envolver apenas uma parte dos conteúdos de uma narrativa histórica mais ampla, propicia uma utilização e um descarte mais rápidos, mesmo quando não propicia espaços para a escrita. Pode-se pensar que, no uso dos variados volumes, possa haver uma pedagogia que ensina aos/as alunos/as a consumir num dado ritmo e, então, a descartar, a substituir.

Os suportes com aparência leve, com fragmentos não muito amplos de conteúdos, podem ser pensados como flexíveis e/ou adaptáveis a determinadas possibilidades de organização dos conteúdos a serem trabalhados e/ou estudados. Tal impressão provavelmente seria reforçada, junto às escolas potenciais conveniadas, pela maneira como em determinados momentos os sistemas de ensino apresentam a organização de seus produtos e serviços. Em um material do sistema de ensino SER pode-se ler: “a estrutura metodológica que norteia a organização de todos os segmentos de ensino do SER, criteriosamente desenvolvida em módulos, permite adequar o conteúdo às necessidades e ao cronograma das escolas” (SISTEMA DE ENSINO SER, 2009:3). A metodologia que embasaria o sistema, e que de certo modo se materializaria na própria fragmentação das apostilas em diferentes módulos, é apresentada como uma condição que permite adaptar o material às demandas dos clientes e/ou potenciais clientes. Contudo, pergunta-se: sob que condições os/as clientes poderiam *adaptar* os materiais às suas demandas? No caso das apostilas de História, a narrativa histórica não permaneceria “ancorada” a uma cronologia baseada no modelo quadripartite europeu, sobre a qual se organizariam os fragmentos da narrativa histórica localizados em variados volumes, ainda que com rearranjos advindos das escolhas dos/das clientes?

Percebe-se que os kits de produtos e serviços dos sistemas, com variações de um sistema para outro, abarcam possibilidades de padronização dos conteúdos a serem trabalhados e das práticas pedagógicas em geral, padronização que seria em certas situações

8

“‘vendida’ como uma possibilidade das famílias aumentarem o controle sobre o trabalho docente” (ADRIÃO et al.,2009:811). Aliás, controle que seria propiciado aos pais, os quais, na relação com as escolas conveniadas aos sistemas, seriam clientes, consumidores e investidores.

A padronização propiciada pelos sistemas de ensino foi criticada, conforme Lellis (2009), em considerações da Associação Brasileira dos Autores de Livros Educativos (Abrale) relativas à utilização dos sistemas, através de discussões de seus integrantes. O autor salienta que “à medida em que se retiram dos docentes as possibilidades criativas e as responsabilidades da profissão, mais se reduz a educação à simples instrução e menos se pode esperar dos alunos assim formados” (LELLIS, 2009:s/p). Entretanto, num estudo da Fundação Lemann<sup>10</sup>, intitulado *O impacto do uso de sistemas de ensino nos resultados da Prova Brasil – um estudo quantitativo no estado de São Paulo*, pode-se encontrar uma defesa dos sistemas de ensino. Em apresentação do referido estudo é enfatizado “que quem está na linha de frente gosta de usar o material estruturado” (BECSKEHÁZY; LOUZANO, 2010:s/p), sendo que um coordenador pedagógico, cujo depoimento teria sido colhido em 2008, teria expressado que uniformizar seria melhor do que “deixar [o ensino] por conta de professores mal formados” (BECSKEHÁZY; LOUZANO, 2010:s/p).

Quanto às possibilidades de uso das apostilas do SER – que favoreceriam uma padronização de determinadas práticas pedagógicas – organizadas em módulos, a julgar pelo que se lê no material de divulgação do sistema, elas poderiam “parecer” mais maleáveis, leves, com *fronteiras parciais* que podem se estabelecer *a partir das escolhas* dos/das clientes e/ou potenciais clientes, diferentemente dos livros didáticos. Tais livros imporiam a necessidade de serem carregados inteiros, com seu peso e *fronteiras bem visíveis* a cada *viagem*. Observe-se que, mesmo que haja a possibilidade de utilizar os conteúdos dos livros didáticos sem seguir a ordem do índice, a constituição física destes artefatos não colaboraria para uma ideia de utilização flexível do material. No suporte pesado do volume único, o/a aluno/a encontra a narrativa histórica que, apesar de fragmentada em unidades e/ou capítulos, tem a aparência de uma globalidade, com *um início e um fim*. Esta localização da narrativa histórica num mesmo suporte impossibilitaria o descarte rápido do artefato, o que pode ser problemático em instituições escolares atravessadas por discursos relacionados à lógica da

---

<sup>10</sup> Sobre a referida Fundação, ver <http://www.fundacaolemann.org.br/quem-somos/>.

9

sociedade de consumidores, na qual o “novo” é muito valorizado, em detrimento do retardo da substituição dos bens na busca agonística pela satisfação. Um livro didático em volume único, artefato em uso durante três anos, cujo descarte deve ocorrer apenas ao final de um triênio, não estaria indo de encontro à referida lógica?

Por outro lado, encontram-se vários elementos comuns à organização dos textos das apostilas dos sistemas, dos livros didáticos e dos livros em geral, já que se baseiam nas condições propiciadas pelo *códice*. A própria organização do texto com parágrafos e títulos emergiu historicamente em meio a transformações nas práticas de leitura decorrentes do uso do *códice*. Contudo, no caso das apostilas do Positivo há um elemento que parece ter potencial para promover “frestas” nas práticas pedagógicas que envolvem as apostilas do sistema, lançando-as para além do volume impresso. Tal elemento, já referido anteriormente, consiste no uso de ícones – um monitor com um teclado e asas – junto aos quais se podem encontrar códigos e/ou endereços eletrônicos que propiciam acesso a textos ou a atividades no Portal Educacional do próprio Positivo. A utilização destes recursos, entretanto, é restrita, pois deve ser antecedida pela digitação de *login* e de senha que cada professor/a e/ou aluno/a das escolas conveniadas ao sistema pode obter.

Mesmo tal inovação, entretanto, pode ser aproximada a determinadas “frestas” que, com o intuito de incentivar novas leituras e/ou estudos, já existiriam há tempos nos livros didáticos e em apostilas, possibilitadas por sugestões de leituras em outros livros, filmes, documentários e de acessos a determinados endereços eletrônicos. Mais recentemente, já se encontram editoras que vendem livros didáticos e propiciam também acesso a portais com recursos pedagógicos *on-line*, numa espécie de “venda casada”, o que também vem ocorrendo com revistas e jornais, que oferecem conteúdo suplementar online (eventualmente de acesso livre). Todavia, no caso das apostilas do Positivo haveria singularidade em relação aos demais artefatos analisados no presente trabalho, já que os códigos ou endereços eletrônicos seriam interfaces que, de forma até certo ponto sistemática, propiciariam a utilização de textos localizados num outro produto do próprio sistema Positivo: o Portal Educacional.

Esta possibilidade de ampliar estudos para além da apostila – acessando textos eletrônicos e/ou atividades em rede (na internet) – a partir de um elemento que a constitui, parece emergir no âmbito de um amplo processo de modificação das apostilas e dos usos que delas se fazem, decorrente do avanço das novas tecnologias no universo da Educação Básica.

10

Tal estratégia de *linkar* o texto escrito impresso a outros recursos virtuais, por um lado pode propiciar ao artefato impresso, uma aparência de “diferente” dos demais, de novidade, de artefato atualizado às demandas do contexto sociocultural; por outro lado, articularia o uso da apostila ao uso de outros produtos e serviços do sistema. Tal articulação, aliás, poderia estar colaborando para a fragilização da condição dos artefatos impressos (livros, apostilas) em forma de *códice*, como *lugares* dos saberes legítimos, das verdades estabelecidas cientificamente? Outras questões podem ser colocadas neste momento. Os textos eletrônicos e/ou atividades oferecidos no portal do sistema seriam significativamente utilizados a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas nas apostilas? Os/As professores/as estariam envolvendo os recursos do portal, de forma cotidiana, nas práticas pedagógicas que desenvolvem com seus/suas alunos/as? Levantam-se tais questões, como outras no decorrer do presente trabalho, no sentido de explicitar reflexões que emergem das análises das apostilas, sem a pretensão de respondê-las integralmente ao final deste texto.

As apostilas, na condição de *códices* descartáveis, até certo ponto parecem servir melhor do que o livro didático ao intento de constituir sujeitos adequados à lógica e/ou dinâmica sociocultural da sociedade de consumidores em tempos de capitalismo leve; sujeitos que devem saber descartar o que já “não lhes serve mais” e, de forma flexível, adaptar-se sempre às novas demandas e/ou possibilidades, se recomodificando frequentemente. Por outro lado, a possibilidade de utilizar concomitantemente apostilas em *códices* e textos eletrônicos em telas, nas práticas de estudos propiciadas pelo sistema Positivo, bem como por outros sistemas, parece se localizar num contexto sociocultural no qual o *códice* tende a perder espaços para a tela em diversas práticas – o que não significa que o *códice* vá deixar de existir – como as relacionadas à escolarização básica. No referido contexto, ficariam evidentes as limitações do suporte com textos impressos, dado o avanço das chamadas novas tecnologias de informação nas práticas pedagógicas. Tal avanço parece estar atingindo as práticas pedagógicas em geral, inclusive com outras medidas recentes, amplamente discutidas no meio educacional, como a distribuição de *tablets* aos professores de dadas redes de ensino. As transformações no âmbito dos suportes – do impresso às telas – estariam relacionadas ao avanço do virtual, de determinadas práticas baseadas nas novas tecnologias, enfim, às mudanças em curso no mundo globalizado.

11

Enfatizo que o avanço do uso da tela nas práticas escolares, no atual contexto, não implicaria, necessariamente, “superação” ou “inexistência” do *códice*, mas provavelmente uma fragilização de sua condição de suporte hegemônico. A coexistência de diferentes suportes não é incomum, sendo que o próprio *códice*, sob outras condições históricas, conviveu por séculos com o livro em forma de rolo. Ademais, a heterogeneidade de suportes baseados em diferentes tecnologias parece de certo modo atender às demandas do mundo globalizado, que “abrigaria o diverso – não apenas no que concerne às identidades” – ainda que sob condições desiguais. A possibilidade de utilizar artefatos pedagógicos constituídos com diferentes suportes pode favorecer o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não se *ancoram* numa única “ferramenta”, que abarcam uma dada fluidez no uso de diversos artefatos que exigem distintas habilidades, necessárias, em certa medida para a utilização de recursos que se encontram sob condições tecnológicas específicas.

Atualizações e/ou complementações de conteúdos afetam a estrutura dos suportes e, no caso do *códice*, a impressão de textos exige espaço, podendo acarretar mais peso e/ou volume, bem como uma nova edição do material. Já na tela, recursos como a hipertextualidade propiciam mais espaços para mais textos, sem que isso signifique peso para os/as leitores/as, possibilitando atualizações rápidas de conteúdos e flexibilidade no uso das construções textuais que transcenderiam as condições e potencialidades do *códice*.

Assim, o *códice*, tecnologicamente, teria limites para atender às exigências de um ensino básico atravessado tanto por discursos e práticas não-discursivas relacionados/as às novas tecnologias, quanto por discursos e práticas não-discursivas concernentes ao consumo e à racionalidade neoliberal no mundo globalizado. Determinadas características encontradas no *códice* também seriam localizáveis na tela, mas sob diferentes condições. Um exemplo disso pode ser localizado na chamada hipertextualidade, a qual, com base nas teorizações de Lévy e Chartier, não é novidade trazida pelo texto eletrônico, ainda que nele possa atingir uma amplitude e fluidez que não seriam possíveis no multissecular *códice*. Deste modo, nas telas do Portal Educacional, um número significativo de textos eletrônicos pode ser acessado quase que de forma instantânea, a partir de movimentos físicos leves, rápidos – como nos casos em que há textos com imagens e abordagens sonoras.

Em relação aos hipertextos eletrônicos, há discussões sobre seus aspectos efetivamente inovadores em relação à “hipertextualidade” dos *códices*. É preciso considerar que dados

12

aspectos parecem comuns nas escritas impressa e digital. No âmbito dos sistemas de ensino, tanto a escrita eletrônica nos portais quanto a escrita impressa nas apostilas se encontram baseadas num determinado sistema gramatical, numa estrutura alfabética, em práticas voltadas a garantir a própria inteligibilidade das construções textuais, e tais bases propiciariam linearidade aos textos. Assim, haveria linearidade nos textos acessados através dos códigos e endereços eletrônicos – pensados neste trabalho como interfaces – do Positivo.

Por outro lado, é inegável que a existência dos códigos e endereços eletrônicos que permitem acessar o portal em rede do Positivo faz parte de um processo de transformação das apostilas que coloca em questão o próprio suporte destes artefatos. Assim, a emergência de apostilas digitalizadas em *tablets* nos sistemas de ensino evidencia o quanto este suporte está sendo profundamente afetado pelos processos de modificação destes artefatos pedagógicos.

Elementos encontrados na tela do Portal Educacional, como a capa, têm denominação idêntica a elementos comuns nas apostilas analisadas, com poucas diferenças. No *códice* com textos impressos – caso dos cadernos apostilados – encontram-se quatro capas, sendo que a 1ª (a “face” do caderno) seria especialmente importante no sentido de causar uma impressão inicial sobre o conteúdo dos artefatos. Já na tela, a capa em questão, embora destacada por uma significativa construção imagética, não ocupa sequer uma ampla área da superfície eletrônica e é apenas um dos *links* que podem ser acessados, antecedendo, numa coluna vertical, outros *links* que constituiriam um “sumário”. Aliás, variados textos eletrônicos podem ser acessados em outros *links*, localizados fora da sequência capa e sumário, bem como digitando “palavras-chave” num espaço encontrado na tela sob o título “Pesquisa”.

Assim como se encontram unidades de percepção construídas pelas diferentes páginas nas leituras em *códices*, haveria, sob outras condições, unidades de percepção propiciadas pelas telas. Nos suportes eletrônicos matizados pela hipertextualidade, o/a estudante pode ler um texto escrito eletrônico e/ou observar um texto imagético enquanto ouve uma narrativa oral. Tais textos, acessados na tela, demandam dos/das leitores/as, sob o ponto de vista físico e intelectual, a utilização de sentidos, de gestos e de habilidades específicas.

Quanto às condições de contato físico dos/as estudantes com os textos eletrônicos, há limites decorrentes do uso da tela, pois esta não permite o manuseio dos textos, possível no *códice*. Quando os textos lidos *on-line* são impressos, podem ser manuseados, mas é comum serem representados com significativas alterações quanto à organização, em relação ao que

13

haveria na versão representada *on-line*. Por outro lado, deve-se considerar que os alunos das gerações visadas pelos sistemas têm, de maneira geral, muita intimidade com o trabalho com telas – de computadores (mesmo em *lan houses*), de celulares e outras máquinas eletrônicas, não se atemorizando ou se demorando em seu manuseio (o que não significa, necessariamente, leitura e reflexão), como pode ocorrer com outras gerações que não cresceram no ambiente virtual.

Assim, o “lugar” da transformação não estaria na relação entre o conteúdo dos textos das apostilas e o conteúdo das telas virtuais, mas se encontraria nas condições sob as quais os textos estariam nos suportes ou nos suportes propriamente ditos. Num contexto de disseminação das novas tecnologias, parece haver uma tendência cada vez mais acentuada de que se encontrem indicações de leituras de textos eletrônicos nas próprias apostilas em forma de *códice*, como nos casos das *Sugestões de leitura* no final de cada apostila do SER, que abarcam endereços eletrônicos, e nos casos das apostilas do Positivo que envolvem as interfaces referidas nesta seção. Corroborando para o avanço dos textos eletrônicos nas práticas de escolarização dos sistemas de ensino (aqui exemplificados pelos casos do Positivo e SER), estaria o fato de tais sistemas serem produzidos por grupos empresariais que têm sua marca articulada a investimentos em produtos e serviços das áreas da comunicação e/ou da informática, significativamente importantes em tempos de capitalismo leve e globalização.

### **Considerações finais**

Para finalizar este breve estudo, em que nos debruçamos sobre as apostilas de História de dois diferentes sistemas de ensino, faremos alguns apontamentos finais.

Em um contexto no qual as transformações tecnológicas em curso afetam significativamente a estrutura física das apostilas e dos livros didáticos, não parece haver significativas diferenças entre as narrativas que se encontram fragmentadas nos conjuntos de apostilas de História/Ensino Médio dos sistemas de ensino e as narrativas dos livros didáticos de História/Ensino Médio – volumes únicos. Nas apostilas problematizadas neste trabalho, por exemplo, a diversidade cultural representada nas narrativas históricas, como em geral ocorre nos livros didáticos, propicia *uma aura de universalidade que hospedaria a tudo e a todos*, ainda que as abordagens desenvolvidas ainda sejam matizadas por um dado etnocentrismo.

Na lógica que matiza os sistemas aos quais pertencem as apostilas analisadas, a cultura seria tratada como um recurso a ser explorado, possivelmente não estando em questão a constituição discursiva das narrativas, mas a utilidade dos artefatos para a consecução de seus resultados. Elas contribuiriam, assim, para a organização e padronização dos conteúdos de estudo e das práticas pedagógicas oferecidas pelos sistemas. Tais práticas seriam atravessadas por um modelo de gerenciamento e de controle dos processos pedagógicos, próprios de uma organização empresarial, em tempos de modernidade líquida e capitalismo leve.

No âmbito dos sistemas de ensino Positivo e SER, as apostilas constituiriam uma ideia – a do sistema de ensino – que proporcionaria a enformação de escolas de redes privadas e/ou de escolas de redes públicas no modelo empresarial. Tais sistemas de ensino, bem como outros, se (re)criariam sob a governamentalidade neoliberal e favoreceriam a (re)criação da própria governamentalidade, propiciando um alinhamento das práticas escolares administrativas e pedagógicas a uma lógica empresarial. As apostilas analisadas, portanto, fariam parte de uma ideia que permite o avanço da lógica empresarial em espaços que historicamente seriam menos atravessados pela racionalidade do mercado e/ou pensados como da alçada do Estado.

Em síntese: a existência da apostila em *códice* nos sistemas de ensino não parece, neste momento, estar em *xeque*, mas o que estaria em *xeque* seria a já citada hegemonia deste suporte como lugar privilegiado de determinadas verdades. De certo modo, a heterogeneidade de produtos – cada qual demandando determinadas capacidades e/ou habilidades para o uso – constituídos sob diferentes tecnologias estaria caracterizando os sistemas de ensino, podendo ser úteis nos processos de constituição de sujeitos, numa sociedade de consumidores, sob uma governamentalidade neoliberal, em que os sujeitos devem ter condições que lhes possibilitem constantes recomodações, que lhes permitam ser cotidianamente “vendáveis”.

Ao que parece, estaria fragilizada a noção de apostila. Aliás, a noção de livro e a noção de apostila parecem significativamente abaladas pela introdução de práticas baseadas em novas tecnologias, especialmente as concernentes à informática, que favorecem um uso cada vez mais significativo de textos eletrônicos. Já não pareceriam estranhas, a um número significativo de pessoas, as denominações livro eletrônico ou *e-book*, evidenciando que o livro pode ser um artefato na condição de *códice*, mas também um artefato acessado numa

15

tela de computador. A apostila também poderia ser pensada, neste sentido, como um artefato que pode ser constituído na condição de códice e/ou eletronicamente.

Mudanças mais efetivas, resultantes das possíveis transformações nas formas de leitura, de consulta, de estudo e de compreensão de determinados conhecimentos, em função da passagem do uso do livro (em forma de códice) para o uso do espaço virtual, dos hipertextos e de outras possibilidades das tecnologias de informação, ainda estão na fase de especulações, projeções e hipóteses. Tais mudanças certamente repercutirão no ensino de História, assim como em muitas outras atividades de acesso, transmissão e interpretação de conhecimentos (educação de forma geral, cidadania, jornalismo). Por outro lado, paradoxalmente, é preciso apontar que a adoção dos sistemas de ensino, inserida numa lógica neoliberal que trata a cultura como um recurso a ser explorado para a consecução de determinados resultados, parece resultar num vértice contrário ao frequentemente invocado quando se fala em mundo virtual e internet: liberdade, riqueza e multiplicidade de conteúdos. Ou seja: aos sistemas, as críticas mais frequentes têm sido as que invocam a padronização imposta, o cerceamento à flexibilidade docente e à adaptabilidade desejável a diferentes grupos de alunos/as. Entretanto, também é na lógica neoliberal que se respalda a frequente justificativa para sua adoção, em especial quando feita pelas redes públicas municipais. Conforme Adrião (2009:812), a “adoção de um único referencial pedagógico capaz de prever condutas, prescrever atividades e propor tempos unificados para o trato com o conteúdo” estaria inspirada no sucesso do setor privado. E é interessante observar que, dentro das argumentações que proclamam os benefícios dos sistemas, como as apresentadas por BECSKEHÁZY e LOUZANO (2010), justamente se situam aquelas que mostram o melhor posicionamento dos municípios que adotaram os sistemas, em relação aos que não os adotaram, em provas nacionais de avaliação. O posicionamento das escolas e das redes de ensino em rankings, a partir dos resultados em avaliações nacionais, têm enorme importância no âmbito de uma sociedade sob a governamentalidade neoliberal que tem no mercado, na concorrência e na empresa uma espécie de poder que a enforma.

## **Referências**

### **Obras Consultadas**

ADRIÃO, Theresa; GARCIA, Teise; BORGHI, Raquel; ARELARO, Lisete. Uma

16

- modalidade peculiar de privatização da educação pública: a aquisição de “sistemas de ensino” por municípios paulistas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 108, out. 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECSKEHÁZY, Ilona; LOUZANO, Paula. Sala de aula estruturada. O impacto do uso de sistemas de ensino nos resultados da Prova Brasil – um estudo quantitativo no Estado de São Paulo. Disponível em [http://www.fvc.org.br\(estudos-e-pesquisas/2010/sala-aula-estruturada-620865.shtml](http://www.fvc.org.br(estudos-e-pesquisas/2010/sala-aula-estruturada-620865.shtml). Acesso em: 28 de março de 2013.
- CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. São Paulo: *Estudos Avançados*, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- EDITORA POSITIVO. Disponível em <<http://www.editorapositivo.com.br/sistemapositivo>> Acesso em: 4 nov. 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- RESTREPO, Eduardo. *Estudios culturales y educación: posibilidades, urgências y limitaciones*. Canoas, 2011. 17 f. (Texto digitado)
- SILVEIRA, Rosa M. Hessel. Apresentação. In.: \_\_\_\_\_ (Org.). *Estudos Culturais para professor@s*. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.
- SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. The Learning Society and Governmentality: An introduction. *Educational Philosophy and Theory*, 38 (4), 2006. p. 417-430.
- SISTEMA DE ENSINO SER. 2009. (Material impresso)
- \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.ser.com.br/>> Acesso em 24 fev. 2010.
- SLACK, Jennifer Daryl. The theory and method of articulation in cultural studies. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing; HALL, Stuart. *Critical Dialogues in Cultural Studies*. London/New York: Routledge, 1996.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Algumas considerações sobre a articulação entre Estudos Culturais e Educação (e sobre algumas outras mais). In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). *Cultura, Poder e Educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2005. p. 165-181

### Obras Analisadas

- AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. *História*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.
- AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. *Sistema de Ensino SER*, São Paulo, 5 v. em 1/1ª E.M., 2007.
- AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. *Sistema de Ensino SER*, São Paulo, 6 v. em 1/2ª E.M., 2007.
- AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. *Sistema de Ensino SER*, São Paulo, 8 v. em 1/3ª E.M., 2007.
- MOCELLIN, Renato. *História para o Ensino Médio: curso completo*. São Paulo: IBEP, 2006.
- MOCELLIN, Renato. Volume de História. *Sistema Positivo de Ensino*, Curitiba, v. 3 (2ª série), p. 1-42, 2004.

17

MOCELLIN, Renato. Volume de História. *Sistema Positivo de Ensino*, Curitiba, v. 4 (2ª série), p. 1-42, 2004.

MOCELLIN, Renato. Volume de História. *Sistema Positivo de Ensino*, Curitiba, v. 4 (3ª série), p. 1-40, 2004.

MOCELLIN, Renato. Volume de História. *Sistema Positivo de Ensino*, Curitiba, v. 1 (3ª série), p. 1-37, 2005.

SISTEMA POSITIVO DE ENSINO. Curitiba, 4 v. em 1/1ª E.M., 2007.

SISTEMA POSITIVO DE ENSINO. Curitiba, 4 v. em 1/2ª E.M., s/d.

SISTEMA POSITIVO DE ENSINO. Curitiba, 4 v. em 1/3ª E.M., s/d.

VIEIRA, Rogério Bastos. Volume de História. *Sistema Positivo de Ensino*, Curitiba, v. 1 (1ª série), p. 1-30, 2007.